

Pediatria

JEFFERSON P. PIVA

Titular da cadeira 16 na ASRM

Doutor em Pediatria pela UFRGS

Professor Titular na UFRGS

DANILO BLANK

Doutor em Saúde da Criança e do Adolescente pela UFRGS

Professor Titular na UFRGS

Introdução

A necessidade de haver um atendimento diferenciado e específico para crianças já era reconhecida no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. Nessa época foi criado o primeiro hospital infantil das Américas, o Children's Hospital of Pennsylvania, em 1855, na esteira do intenso desenvolvimento da Pediatria europeia, com a criação do Hôpital de Enfants Malades, em Paris (1802), e do pavilhão pediátrico do Charité de Berlim (1830). Prova disso é que a primeira estrutura curricular do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, fundada em 1898, já incluía a disciplina Clínica Pediátrica, sob a coordenação de Olympio Olinto de Oliveira. Um ano antes, um dos pioneiros da Pediatria brasileira, Carlos Arthur Moncorvo Filho, criava o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, no Rio de Janeiro.

Nos anos seguintes, a valorização da Pediatria na seara acadêmica foi inquestionável, tanto que um dos sete primeiros títulos de livre-docência conferidos em conjunto por aquela que viria a ser a Faculdade de Medicina da UFRGS, em 1925, foi para Florencio Ygartua, com o tema da clínica pediátrica médica e higiene infantil. Com esse mesmo tema, sete anos depois, o segundo pediatra livre-docente gaúcho seria Décio Martins Costa.

Entretanto, o florescimento da prática pediátrica efetiva entre os gaúchos levaria ainda uns bons cinquenta anos para deslanchar, em virtude da pesada influência dos determinantes sócio-econômico-culturais na

saúde infantil. As adversidades para a sobrevivência de crianças no início do século XX eram imensas e desafiadoras, ocasionando taxas de mortalidade inimagináveis nos dias atuais. Ao final do século XIX, de cada mil crianças nascidas vivas, 460 (46%) morriam antes de completar sete anos, principalmente por diarreia e tuberculose. Na década de 1940, de cada 1.000 nascidos vivos apenas 780 ultrapassavam os cinco anos de idade. Tais patamares elevados de mortalidade se mantiveram até a década de 1970, período do qual, até a virada do século, a taxa de mortalidade infantil, na área metropolitana de Porto Alegre, reduziu-se drasticamente em cerca de dez vezes, chegando a menos de dez mortes no 1º ano de vida para cada mil nascidos vivos.

Vários fatores contribuíam para esta altíssima morbimortalidade na infância. Até a década de 40, os partos no Rio Grande do Sul eram geralmente realizados em casa por parteiras, que haviam aprendido o ofício com outras parteiras mais experientes e que auxiliavam as mães no cuidado com seus recém-nascidos. Havia na época uma série de crendices populares sobre os cuidados com o coto umbilical, que incluíam emplastos ou pastas contendo matéria fecal de animais. Obviamente, a sepse e o tétano neonatal eram absurdamente prevalentes, quando foi popularizado o termo “mal dos sete dias” para designar as mortes por tétano neonatal. Além disso, o hábito de amamentar os filhos era pouco praticado, tanto por mulheres das classes menos favorecidas, que tinham de voltar ao trabalho logo após o parto, como nas de classe alta, pelo receio infundado da flacidez mamária atribuído à amamentação. Assim, os bebês eram amamentados por amas de leite, ex-escravas com saúde frágil e fontes de transmissão de tuberculose e outras doenças. Some-se a isso as grandes epidemias (poliomielite, difteria, sarampo, entre outras) ocasionadas pela falta de cobertura vacinal, a ausência de antimicrobianos, as precárias condições sanitárias nas periferias das grandes cidades, assim como uma incipiente estrutura médico-hospitalar disponível para o atendimento de crianças. Vale lembrar que, na Santa Casa de Misericórdia — assim como nos hospitais privados — crianças eram atendidas de modo disperso, sem atenção específica, até 1942, quando foi criada a cadeira de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil, sob a direção de Raul Moreira da Silva.

Em função da magnitude desses problemas, a melhoria no atendimento pediátrico e a redução da mortalidade ocorreram de forma muito lenta até meados da década de 1970, quando se observa uma acelerada e intensa modificação nesse quadro.

Médicos que alicerçaram o desenvolvimento no RS

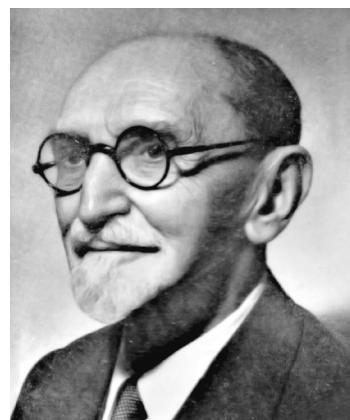
Provavelmente a primeira grande iniciativa médica visando a reduzir as elevadíssimas taxas de mortalidade neonatal na cidade de Porto Alegre ocorre em 1897, quando Protásio Alves, Sebastião Leão e Dioclécio Pereira criaram, nas dependências da Santa Casa, o Curso de Partos, que logo se associaria à Escola de Farmácia e, um ano depois, se uniriam para fundar a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, que viria a se tornar a Faculdade de Medicina da UFRGS em 1950.

Nos anos que se seguiram, identificam-se vários médicos com atuação decisiva no desenvolvimento e consolidação da Pediatria como especialidade em nosso estado. Entretanto, ao fazer este breve resgate histórico, é provável que, por uma limitação editorial, sejam omitidos fatos relevantes e alguns protagonistas dessa bela trajetória. Entretanto, entendemos que os colegas e os fatos aqui destacados sejam consensuais e, por isso, justamente reverenciados.

Olympio Olinto de Oliveira (1895- 1956)

Natural de Porto Alegre (RS), formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1887, com a tese “As paralisias na infância”. Foi discípulo do professor Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo (1846-1901), considerado o “pai da Pediatria brasileira”, tendo realizado estágio na Policlínica do Rio de Janeiro. Ao regressar a Porto Alegre, em 1890, fundou o dispensário de crianças da Santa Casa, onde exercia de forma inédita a dedicação exclusiva à clínica pediátrica. Participou da fundação da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, em 1898, integrando o primeiro quadro de docentes, como professor de Química Biológica e Pediatria, exercendo a função de diretor da instituição entre 1910-1913. Foi pioneiro e obstinado na formação de pediatras e implementação de políticas públicas de proteção da criança. Participou com Fernandes Figueira da fundação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em 1910.

Em 1918 transferiu-se para o Rio de Janeiro, atuando no Hospital Artur Bernardes, hoje Instituto Fernandes Figueira, onde atendia crianças e participava da formação de pediatras. No final dos anos 20, criou com Américo Augusto o periódico *Arquivos de Pediatria*. Com a morte de Fernandes Figueira,



Olympio O. de Oliveira.
© Acervo pessoal dos autores

em 1928, Olinto de Oliveira assumiu a presidência da SBP, sendo responsável por dinamizar a publicação científica e impulsionar a criação do *Jornal de Pediatria*, cujo primeiro número circularia em 1934 sob o título de *A Pediatria*. Em 1933, convocou e presidiu a Conferência Nacional de Proteção e Assistência à Infância, quando os pediatras e sanitaristas brasileiros presentes fizeram sugestões ao governo em relação à saúde infantil. Em 1940, dirigiu o Departamento Nacional da Criança, criado pelo governo federal para combater a mortalidade infantil e formar médicos nessa especialidade no serviço público de saúde. Sob sua direção, projetou representações nos diversos estados da federação: os Departamentos Estaduais da Criança.

Foi membro honorário da Academia Nacional de Medicina, da Academia Americana de Pediatria e da Sociedade de Pediatria de Paris. Recebeu homenagem, em 1953, no Livro de Mérito dos Grandes Vultos Nacionais. Também foi indicado Patrono da Cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Pediatria. Foi ainda cofundador e 1º presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, em 1901, ocupando a cadeira nº 26, e fundador do Instituto Livre de Belas Artes, em 1906. Escrevia, também, uma coluna no *Correio do Povo* de Porto Alegre, com o pseudônimo de Maurício Bohn.

Raul Moreira da Silva (1891-1969)

Natural de Porto Alegre (RS), concluiu o curso na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1916, defendendo a tese “Mal de Charcot”. Após sua formatura, permaneceu durante um ano no Rio de Janeiro, na Policlínica de Crianças, sob a chefia de Fernandes Figueira e Olinto de Oliveira, e na Clínica Neurológica de Antônio Austregésilo. Completou sua formação com cursos e estágios em São Paulo, em Montevidéu e em Buenos Aires. Retornando a Porto Alegre, atuou como médico voluntário no bairro operário do 4º distrito (atualmente, bairros de São João, Navegantes e Passo d’Areia). A partir dos anos 1920, trabalhou como médico na Santa Casa, sendo nomeado Diretor Geral de Assistência à Infância da instituição. Permaneceu à frente do serviço de Pediatria da Santa Casa até se aposentar, em 1959.

Iniciou como professor substituto, sendo promovido a catedrático da cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, na vaga de Manuel Gonçalves Carneiro, por ocasião de sua jubilação,



Raul Moreira da Silva.
© Acervo pessoal dos autores

em 1930. Foi também professor de Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica e de Clínica Neurológica. Em 1941, foi nomeado diretor da faculdade. Idealizou e acompanhou a construção do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, cuja pedra fundamental foi lançada em 1943, mas só entraria em funcionamento em 1972.

Combatia a inexistência de políticas públicas de atendimento clínico e promoção da saúde da criança. Nessa perspectiva, durante 40 anos, Raul Moreira da Silva formou com Décio Martins Costa uma dupla de ilustres pediatras de Porto Alegre, pioneiros no ensino de Pediatria no estado, protagonistas em mudanças nas políticas de saúde, que formaram gerações de profissionais gaúchos.

Em 1936, juntamente com Décio Martins Costa, fundou a “Sociedade de Pediatria e Puericultura de Porto Alegre”, sendo considerado o patrono da Sociedade de Pediatria do RS. Foi membro honorário da Sociedade de Medicina de Pelotas e membro correspondente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e da Academia Nacional de Medicina. Veio a falecer em 22 de setembro de 1969. Foi indicado como patrono da cadeira 7 da Academia Brasileira de Pediatria.

Augusto Duprat (1865-1940)

Nascido em 14 de maio de 1865, na cidade do Cabo (Pernambuco), finalizou seus estudos primários e secundários no Recife. Aos 16 anos de idade, rumou para Paris, onde matriculou-se na Faculdade de Medicina, e lá diplomou-se com doutoramento em 27 de julho de 1892. De volta ao Brasil, revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 5 de junho de 1887, onde se destacava o grande número de trabalhos publicados, especialmente em Pediatria.

Exerceu sua especialidade no Hospital da Associação de Caridade da Santa Casa do Rio Grande. Foi o responsável pela remodelação do edifício e modernização do hospital. Fundou o “Dispensário Infantil de Rio Grande”, hoje “Casa da Criança Dr. Augusto Duprat”, a qual prestou relevantes serviços à população durante diversas epidemias como a peste bubônica, peste pneumônica, varíola e a pandemia da gripe espanhola. Teria sido pioneiro no mundo a utilizar soro em doses maciças no tratamento da peste bubônica, o que lhe valeu elogiosas referências do mundo científico nacional e estrangeiro. Publicou numerosos trabalhos científicos na área de Pediatria sobre peste bubônica, febre amarela, varíola e sífilis.



Augusto Duprat.
© Acervo pessoal dos autores

Foi organizador e presidente honorário do I Congresso de Saúde Pública, Medicina Social e Hospitais do RS, realizado na cidade do Rio Grande em 1928. Recebeu várias condecorações, tais como Medalha de Bronze da Assistência Pública de Paris, Palmas Acadêmicas Francesas no grau de “Officier d’ Academie” pelo Ministério de Instrução Pública e de Belas Artes da França e a condecoração de “Officier de L'instruction Publique”. Faleceu em 10 de setembro de 1940, na cidade de Rio Grande. Em reconhecimento aos serviços prestados foi homenageado com um busto em mármore no pátio central do Hospital da Santa Casa de Rio Grande.

Florencio Ygartua (1892-1941)

Uruguaio, nacionalizado brasileiro, diplomou-se em Farmácia em 1911 e Medicina em 1923, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Especializou-se em Pediatria, com a tese de doutoramento "Contribuição ao Estudo dos Fermentos Lácticos e sua Aplicação nas Perturbações Digestivas do Lactente". Em 1925, foi aprovado como livre-docente da cadeira de Clínica Pediátrica da mesma faculdade, ao apresentar o trabalho "Sobre a Doença de Heine-Medin" (poliomielite), a partir de observações colhidas em uma epidemia desta doença em crianças de Montevidéu.

Escreveu artigos sobre higiene infantil em revistas e jornais, participou de conferências médicas no Brasil, Argentina e Uruguai, tornou-se um dos mais importantes pediatras de Porto Alegre, chegando à presidência da Sociedade de Medicina do Rio Grande do Sul. Além de seu reconhecimento como pediatra, tornou-se famoso por ser um excelente zagueiro do time principal do Internacional em 1910 - 1911. Hoje é nome de uma das principais ruas de Porto Alegre.

Décio Martins Costa (1900-1963)

Natural de Porto Alegre, graduou-se na Faculdade de Medicina da mesma cidade em 1922, defendendo a tese “Da tuberculose no terreno sifílico”. Foi um pediatra completo: desenvolveu suas atividades profissionais em assistência médica, na



Florencio Ygartua.
© Acervo pessoal dos autores



Décio Martins Costa.
© Acervo pessoal dos autores

gestão em saúde e no magistério. Além disso, teve intensa atividade político-partidária em sua trajetória.

Atuou como médico na Santa Casa de Misericórdia do Rio Grande do Sul, ocupando em 1940 o cargo de diretor do Ambulatório de Crianças. Foi o fundador do Hospital da Criança Santo Antônio, em 1953, um dos maiores hospitais pediátricos do Brasil. Durante toda a sua vida profissional realizou um trabalho filantrópico, voltado para a medicina preventiva.

Em 1932 obteve o título de livre-docência de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, sendo aprovado e empossado no mesmo ano. Foi também livre-docente da Santa Casa de Misericórdia do Rio Grande do Sul. Foi professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de Porto Alegre e professor da antiga Faculdade Católica de Medicina, atual UFCSPA.

De forma pioneira, esteve em Berlim, entre 1929 e 1930, como assistente voluntário dos doutores Schiff, Farzer, Eliasberg e Opitz. Ainda no mesmo ano esteve em Paris participando do Curso de Higiene Infantil e, em Viena, do Curso de Neurologia Infantil e Dermatologia da Criança. Participou, também, do II Congresso Internacional de Pediatria, realizado em 1930, em Estocolmo. Publicou vários textos em torno de questões da Pediatria e Puericultura como “A Puericultura como ciência e sua importância no ensino médico”, “Evolução da Pediatria e seu estado atual”, “Da tuberculose e suas formas iniciais na infância”, “Das piúrias na infância”, “Da doença de Legg-Calve-Perthes” e “Sobre o mixedema congênito”.

Foi sócio-fundador do Sindicato dos Médicos do Rio Grande do Sul (SIMERS), em 1934, e da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul, criada em 1936. Na filiada gaúcha ocupou o cargo de vice-presidente (1946) e presidente em três gestões (1951, 1954 e 1957). Durante sua militância associativa, contou com o apoio e a solidariedade de Raul Moreira da Silva. No âmbito da Sociedade Brasileira de Pediatria, ocupou o cargo de presidente no ano de 1955. Por sua trajetória, foi indicado como patrono da cadeira 12 da Academia Brasileira de Pediatria.

Foi membro do Partido Libertador, tendo como principal líder e aliado o conterrâneo Raul Pilla. Durante a ditadura do Estado Novo de Vargas, chegou a ser preso. Em 1945 foi eleito deputado estadual e em 1947 disputou sem sucesso o governo do estado. É homenageado tendo seu nome em escolas e ruas em diferentes municípios do Rio Grande do Sul.

Faleceu em plena atividade docente, no anfiteatro da Faculdade de Medicina, no dia 26 de agosto de 1963, quando presidia a conferência de um professor de Pediatria alemão (a primeira realizada na faculdade no pós-guerra, por especialista dessa nacionalidade).

Maria Clara Mariano da Rocha (1902-1983)

Natural de Santa Maria (RS), pertencente a uma tradicional família de médicos rio-grandenses, foi aprovada em 1930 no vestibular para a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, sendo uma das poucas mulheres a cursar medicina até então. Enfrentou dificuldades para se inscrever no vestibular, pois tanto o diretor da faculdade como seus auxiliares tentaram dissuadi-la. Formou-se em 1935, sendo laureada com o prêmio Carlos Chagas. Fez viagens de estudos ao Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires entre os anos de 1940 e 1943.

Em abril de 1942 foi contratada como assistente de ensino na disciplina de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil. Em julho de 1943 foi aprovada no concurso de livre-docente da Universidade do Rio Grande do Sul, sendo a primeira mulher a obter este grau acadêmico. Além de professora titular de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, foi professora da Faculdade de Medicina de Santa Maria e da cadeira de Puericultura do curso das Samaritanas da Cruz Vermelha Brasileira. Dedicou-se a assuntos referentes ao recém-nascido e à nutrição do lactente. Em 1963 foi designada para ocupar a cátedra de Clínica Pediátrica em função do falecimento do professor Décio Martins Costa, mas por décadas acumulara atividades de ensino e a direção do Berçário da Maternidade Mário Totta da Santa Casa de Misericórdia. Em dezembro de 1968 foi efetivada como professora catedrática do Departamento de Pediatria e Puericultura, nova designação do serviço, em virtude da implementação do regime departamental na UFRGS, tal como estruturado atualmente. Entre os trabalhos publicados destacam-se: “Dermatite Fitogênica: Hipersensibilidade às Aroeiras”, tese de doutoramento, em 1935, e “Contribuição ao estudo do peso de nascimento da criança rio-grandense”. Escreveu, em 1947, uma seção permanente no jornal Diário de Notícias de Porto Alegre, intitulada “A coluna da criança”. Quando da instalação da ASRM, a professora Maria Clara Mariano da Rocha foi escolhida para patrona da cadeira de número 46.



Maria Clara M. da Rocha.
© Acervo pessoal dos autores

Carlos Niderauer Hofmeister (1890-1976)

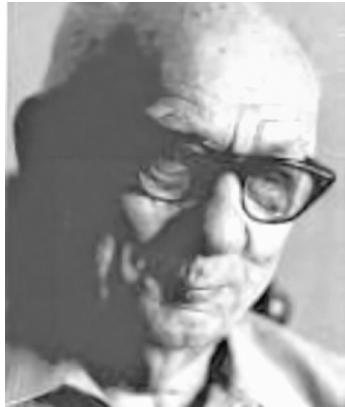
Natural de Santa Maria (fevereiro de 1890), matriculou-se em uma das primeiras turmas da Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1910, diplomando-se em 1916, defendendo tese sobre “A Filariose em Porto Alegre”, obtendo grau

máximo. Entre 1917 e 1923, foi um dos médicos pioneiros a clinicar na região do Alto Uruguai, na então Vila de Palmeira das Missões.

Especializou-se em Pediatria no Rio de Janeiro no curso do professor Fernandes Figueira. Ao retornar, reiniciou a clínica como primeiro médico rio-grandense a exercer a Pediatria com exclusividade. Organizou o primeiro Ambulatório de Pediatria e Puericultura do estado, na Santa Casa de Misericórdia, junto à Maternidade Mário Totta, sendo diretor por 15 anos e patrono.

Foi sócio-fundador e o primeiro presidente, em 1933, do Sindicato dos Médicos do Rio Grande do Sul. Em sua gestão empreendeu campanha pioneira de âmbito estadual contra a prática da medicina por pessoas não diplomadas. Foi, ainda, sócio-cofundador, presidente em 1949 e sócio honorário da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. Também foi sócio honorário da Sociedade Brasileira de Pediatria, membro emérito da American Academy of Pediatrics e Irmão Benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Participou, com o Prof. Décio Martins Costa, da instalação e organização do Hospital da Criança Santo Antônio desde sua inauguração, em 1952. Em 1963, com o falecimento do Prof. Décio, foi nomeado diretor da instituição, ampliando todos os setores e serviços. Exerceu a clínica pediátrica até completar 80 anos, em 1970, quando também deixou a direção do Hospital da Criança Santo Antônio, encerrando as suas atividades profissionais após 53 anos de intenso trabalho. Em 1972 recebeu, do prefeito Telmo Thompson Flores, a comenda de Cidadão Honorário de Porto Alegre, por eleição unânime da Câmara de Vereadores. Faleceu em 11 de janeiro de 1976.



Carlos. N. Hofmeister.
© Acervo pessoal dos autores

Surge uma nova geração de pediatras

Seguindo o legado dessas personalidades marcantes na Pediatria, o Rio Grande do Sul contou com o concurso de novas gerações de brilhantes pediatras que consolidaram a especialidade em nosso meio, dentre os quais destacamos: Raul Gastão Seibel, João Rubião Hoeffel, Estela Budiansky, Hildebrando Westphalen, Breno Barcellos, Rui Rosário, Enio Pilla, Sérgio Pilla Grossi, Antônio Spolidoro, Enio Rotta, Renato Machado Fiori, Ronald Pagnocelli de Souza, Nilo Galvão, José Cândido Rosa, Gentil Bonetti, José Luis B. Pitrez, Décio Martins Costa Jr., Ercio Amaro de Oliveira, Hebe Tourinho, Sérgio Ortiz Porto, Rudah Jorge (de Passo

Fundo), José Aparecido Granzotto e Guilherme Procianoy (de Pelotas), Luiz Carlos Esperon (de Rio Grande) e Oyama Carvalho de Albuquerque (de Santa Maria).

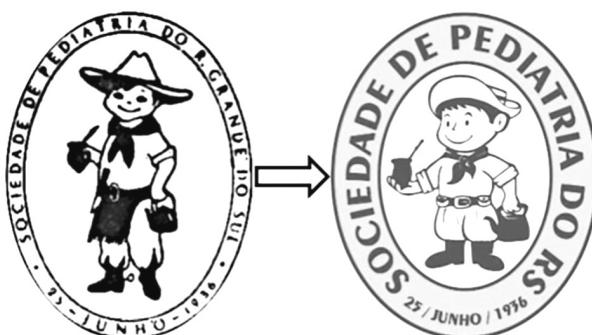
Paralelamente, alguns especialistas de diferentes áreas acabaram por se dedicar ao atendimento e desenvolvimento de suas áreas de atuação no campo da Pediatria, tais como: Newra Tellechea Rotta (neuropediatria), Themis Reverbel da Silveira (gastropediatria), Noemia Goldraich e Clotilde Garcia (nefrologia pediátrica), Fernando Abreu e Silva (pneumologia pediátrica), Nestor Daudt, Paulo Zielinsky, Cora Firpo e Flávio Velho (cardiopediatria). Nesse grupo, deve-se ressaltar o nome de Pedro Celiny Ramos Garcia, grande liderança da Pediatria do Rio Grande do Sul, que inaugurou e chefiou a primeira UTI pediátrica em nosso estado (Hospital São Lucas da PUCRS). Foi autor de 6 livros na área de Terapia Intensiva Pediátrica, presidiu a Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul e Brasileira de Pediatria. Foi autor em mais de 150 artigos científicos e orientou dezenas de pediatras, intensivistas e alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado).

A associação dos pediatras – SPRS

Em 25 de junho de 1936, o Prof. Raul Moreira e um grupo de médicos fundou a Sociedade de Pediatria e Puericultura do Rio Grande do Sul. Na época, havia apenas a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, hoje UFRGS, e um único hospital, a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Mesmo sendo reconhecida desde 1903 como especialidade, a Pediatria dava seus primeiros passos como ciência, e esse grupo de médicos vislumbrava a necessidade de constituir uma entidade representativa dos pediatras e defender causas em benefício da assistência médica na infância. Entre seus sócios-fundadores e colaboradores na consolidação da sociedade deve-se destacar: Raul Moreira, Florêncio Ygartua, Mário Assis Brasil, Carlos Hoffmeister, Décio Martins Costa, Leopoldina Cabral, Estela Budianski, Osmar

Pilla, Pedro Pereira, Rebelo Horta, Marajó de Barros, Felicíssimo Difini, Rui Rosário, Caio Coelho, José Fernandes Barbosa, Hélio Medeiros, Piaguassu Correia, entre outros.

O gaúcho, símbolo da SPRS, foi criado em 1966 pelo chargista Sampaio, a pedido dos diretores da sociedade, Ma-



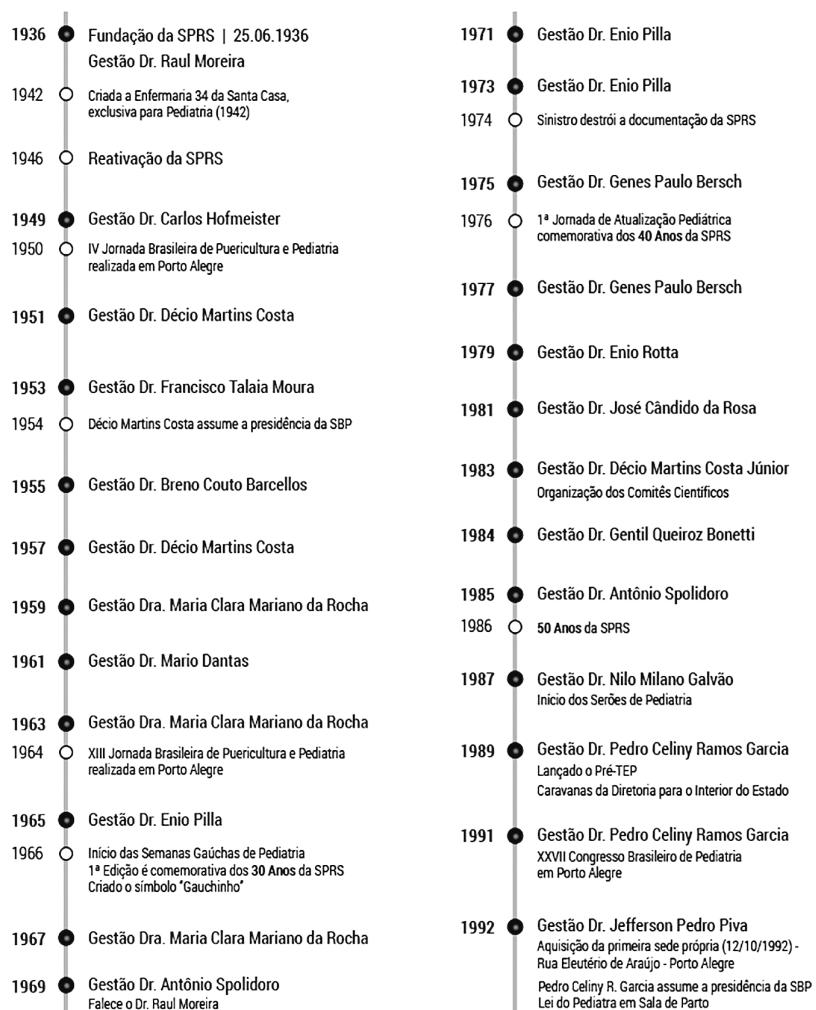
Evolução do logotipo da SPRS.

© Acervo pessoal dos autores

ria Clara Mariano da Rocha e Enio Pilla. A atualização do leiaute e do próprio gauchinho foi feita na gestão de Pedro Celiny Garcia, no início dos anos 1990.

Atualmente a SPRS é uma das maiores entidades científicas do estado, com cerca de 2.000 associados, atuando nos campos científicos, na promoção de políticas públicas de saúde e na defesa profissional dos pediatras. Organiza e sedia congressos anuais regionais de Pediatria, nacionais de áreas de especialidades e de Pediatria geral. Tem publicado livros e manuais de orientação e atualização para o exercício da Pediatria e suas áreas de atuação.

A linha histórica das diversas diretorias nos primeiros 60 anos da SPRS — reproduzida a seguir — foi publicada em um livro comemorativo aos seus 80 anos de fundação.



Linha do tempo das diretorias da SPRS.

© Reprodução

As primeiras unidades pediátricas ou hospitais pediátricos

Irmãdade Santa Casa de Misericórdia

Logo no início do século XIX, Porto Alegre não dispunha de unidade de saúde. Os doentes eram atendidos em suas residências ou em albergues precários. Na primeira década do século, Joaquim Francisco do Livramento fundou o primeiro hospital da cidade. Ele também fundou a Santa Casa de Misericórdia do Desterro, localizada em Santa Catarina. Obteve autorização expressa do Príncipe Dom João para seu funcionamento em 14 de maio de 1802.



Médicos do serviço de Pediatria da Santa Casa.

© Acervo pessoal dos autores

Como referido anteriormente, inúmeros ilustres pediatras participaram ativamente da organização e atendimento prestado pela clínica de crianças da Irmandade Santa Casa, destacando-se Olympio Olinto de Oliveira, Raul Moreira, Décio Martins Costa, Maria Clara Mariano da Rocha, entre outros.

Durante um longo tempo, as crianças eram atendidas no Hospital São Francisco juntamente com adultos e na enfermaria de obstetrícia. Em 1942 é inaugurada a Enfermaria 34 como área exclusiva para internação pediátrica. Este evento ocorre imediatamente após a visita do presidente Getúlio Vargas, que, verificando as condições do atendimento pediátrico, decide atender ao pedido formalizado por Maria Clara para o financiamento pelo Ministério da Saúde de uma enfermaria exclusiva para Pediatria no prédio da Policlínica Santa Clara. Desde então, a enfermaria 34 torna-se um marco na assistência e ensino da Pediatria em nosso estado. Na década 1960, a Pediatria da instituição da ISCMPA apresentava uma organização, recursos e infraestrutura bastante adequadas aos recursos disponíveis à época. Contava com um ambulatório pediátrico muito movimentado, dispondo da Enfermaria 34 como referência para internações e o Berçário de Cuidados Especiais da Maternidade Mario Totta, este sob a chefia do prof. Renato Machado Fiori, neonatologista já com reconhecimento regional e nacional.

Hospital da Criança Santo Antônio

O antigo hospital foi fundado em 1953 pelo pediatra Décio Martins Costa, tendo iniciado suas atividades como centro médico ambulatorial voltado apenas para infecções, porém acabou se tornando um hospital pediátrico de referência estadual, com 10 mil m² de área construída, com capacidade de atendimento de 250 crianças internadas em leitos gerais e de isolamento. Tinha localização estratégica, na entrada da capital gaúcha, o que facilitava o atendimento de pacientes de cidades interioranas. Encerrou suas atividades em 2002, quando contava com 266 leitos, 20 leitos de UTI pediátrica, unidade de oncologia pediátrica, unidades cirúrgicas, unidades de isolamento e emergência pediátrica com grande movimento. Visando a otimizar recursos de infraestrutura, foi decidido na época pela construção do novo prédio com instalações mais modernas nas dependências do terreno central da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, onde permanece até hoje.

Berçários de alto risco – Prestadores das UTIs neonatais

Na medida em que aumentava a adesão da população por realizar partos em ambiente hospitalar, surgiram os berçários e unidades de cuidados especiais para recém-nascidos prematuros, com anomalias congênitas e instabilidade clínica (apneias, sepse, etc.). Deve-se ressaltar que nessa época os recursos eram extremamente escassos: não havia como ventilar um recém-nascido, as agulhas disponíveis para administração de fluidos não eram adequadas. Assim, os fluidos eram administrados por via subcutânea (na região axilar), que eram absorvidos apenas quando a circulação do recém-nascido era adequada. Dispunha-se ainda de escassos antibióticos: penicilina, estreptomicina e cloranfenicol. Portanto, a mortalidade neonatal, mesmo em unidades hospitalares, era muito elevada. Recém-nascidos com doença da membrana hialina eram mantidos em incubadoras rudimentares, recebendo oxigênio através cateteres ou campânulas, sem a perspectiva de receber surfactante exógeno (desenvolvido a partir dos 80) e, caso necessário, receberiam suporte ventilatório com respiradores extremamente limitados e projetados para pacientes adultos. Portanto, não era de admirar que as taxas de mortalidade no período neonatal fossem catastróficas.

Além do Berçário de Cuidados Especiais da Maternidade Mario Totta, foram precursores nesta estratégia os berçários do Hospital Alemão (atual Hospital Moinhos de Vento), do Hospital Beneficência Portuguesa, dos Hospitais



Antigo Hospital da Criança Santo Antônio.

© Acervo pessoal dos autores

Fêmea e Conceição (estes ainda na fase de instituições privadas, nos anos 1960, antes de serem incorporados ao ministério da saúde em 1973), Hospital Ernesto Dornelles (1973), posteriormente, o Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (1977) e Hospital São Lucas da PUCRS (1978). Esse movimento precursor no desenvolvimento da Neonatologia em nosso estado teve vários protagonistas como Sérgio Pilla Grossi, Silvio Drebs, Ércio Amaro de Oliveira, Enio Rotta, Mauro Bohrer, Clovis Weisseimer, dentre tantos outros que se seguiram.

Entretanto, inegavelmente, a grande referência neste novo modelo de assistência neonatal foi Renato Machado Fiori, que, nos anos 1968 e 1969, realiza treinamento na UTI neonatal do Boston Children's Hospital, que tinha como diretor médico o Dr. Clement Smith, autoridade mundial na área.

Em seu retorno, Fiori, por seu dinamismo, exerce influência direta em várias unidades neonatais. Atua inicialmente no Berçário da Santa Casa de Misericórdia, na unidade de cuidados especiais do Hospital Ernesto Dornelles, participa ativamente na recém-inaugurada UTI neonatal do Hospital de Clínicas (1978) e, em fevereiro do mesmo ano, assume a chefia do Serviço de Neonatologia do Hos-



Renato Machado Fiori.

© Acervo pessoal dos autores

pital São Lucas da PUCRS, onde permaneceu até a segunda década do século XXI. Nessa unidade sua equipe formou inúmeros residentes, produziu centenas de temas livres, artigos em revistas científicas internacionais, autoria de capítulos e livros na área de Pediatria e Neonatologia. Por seus relevantes serviços assistenciais prestados no Serviço de Neonatologia do Hospital São Lucas da PUCRS, aliados à sua atividade docente (professor titular de Pediatria) por mais de três décadas, assim como por implantar o Programa de Pós-Graduação em Pediatria da PUCRS e torná-lo um dos raros programas de Pediatria com nota 6 e posteriormente 7 na classificação da CAPES, recebeu em 2016 o título de Professor Emérito de Pediatria da PUCRS.

HCBA – precursor de uma nova era na Pediatria

A mudança do departamento de Pediatria da UFRGS das dependências da Santa Casa para o HCBA, nos anos 1978 e 1979, inaugura uma nova era: a qualificação no atendimento de condições



Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

© Acervo pessoal dos autores

complexas pediátricas. Foram incorporados à assistência básica pediátrica recursos e condições para atendimento de recém-nascidos e crianças com as mais diversas doenças clínicas e cirúrgicas. Nessa nova perspectiva assistencial, foram disponibilizados para a população UTI neonatal e pediátrica, equipamentos sofisticados, com apoio de equipes pediátricas especializadas em várias áreas como Pneumologia, Gastroenterologia, Nefrologia, Oncologia, Neurologia, Cirurgia, Genética Clínica e Cardiologia. O mesmo modelo foi paulatinamente implementado em outros hospitais da capital e do estado.

Os primeiros programas de residência médica de Pediatria

Em 1964 os médicos Gilberto Gomes e Júlio Martins tornam-se os primeiros gaúchos a realizar residência em Pediatria, na Enfermaria 34 da Ir-

mandade Santa Casa de Misericórdia. Nessa época as bolsas para remunerar residentes eram obtidas pelos serviços junto a laboratórios farmacêuticos com valores incertos e o conteúdo programático variava entre as instituições pioneiras. Mesmo assim, nas décadas de 1960 e 1970 consolidaram-se os programas de residência em Pediatria no estado, com a ampliação das vagas na Enfermaria 34 e início dos programas no Hospital da Criança Santo Antônio, Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, Hospital da Criança Conceição, Hospital Ernesto Dornelles e Hospital Universitário de Santa Maria. Deve-se destacar que o Hospital Ernesto Dornelles foi pioneiro no Rio Grande do Sul em ter uma residência pediátrica em um hospital não vinculado a uma universidade.

Ao final dos anos 1970, observa-se uma nova etapa no desenvolvimento da Pediatria como especialidade: o surgimento de programas de residência em algumas áreas de atuação. Nessa época, alguns serviços começam a oferecer um 3º ano opcional de residência em Neonatologia, vindo a seguir emergência e UTI pediátrica. Nas décadas que se seguiram, a Neonatologia consolida sua posição de destaque na Pediatria através de pelo menos três vertentes: assistencial, por inovar e introduzir novas perspectivas terapêuticas (uso de CPAP, surfactantes, asfixia neonatal); ensino e pesquisa, passando a ser uma grande área de produção de conhecimento e publicações, capaz de atrair um grande número de pesquisadores e fortalecer o ano opcional de residência de Neonatologia nos programas de residência de Pediatria; e liderança institucional, despontando na subespecialidade líderes que exerceram sua influência nos diversos âmbitos institucionais (universidade, órgãos governamentais de saúde, associativos de classe, entre outros). Essa atuação de liderança nos diversos níveis assegurou à Neonatologia uma base sólida para seu reconhecimento como área prioritária da medicina, muito além da prática pediátrica tradicional.

A partir do exemplo da Neonatologia, outras áreas da Pediatria seguiram um caminho semelhante, obtendo sucesso e reconhecimento comparáveis, como no caso da Medicina Intensiva pediátrica, Oncologia pediátrica, emergência pediátrica, Pneumologia pediátrica, entre outras.

Graças a essa trajetória e às grandes figuras médicas que a fundamentaram e promoveram, a Pediatria gaúcha, neste início de século XXI, é reconhecida nacionalmente e internacionalmente como centro de referência em Pediatria de alta complexidade, no tratamento de pacientes oncológicos, cirurgias de grande porte e transplantes de órgãos. Além disso, mantém vários programas de pós-graduação com intensa e qualificada produção científica.

Pediatra e a ASRM

A Pediatra está devidamente representada na ASRM através de oito patronos, homenageados por sua atuação no desenvolvimento da especialidade em nosso estado, sendo eles:

- Cadeira 06 – Augusto Duprat – (14/05/1865-10/09/1940)
- Cadeira 11 – Carlos Niderauer Hofmeister (01/02/1890-11/01/1976)
- Cadeira 18 – Décio de Almeida Martins Costa (15/08/1900 – 26/08/1963)
- Cadeira 23 – Estela Budianski (5/10/1910 – 14/05/1969)
- Cadeira 31 – Hildebrando Westphalen (18/05/1889 – 24/05/1966)
- Cadeira 46 – Maria Clara Mariano da Rocha (23/04/1902 – 02/05/1983)
- Cadeira 54 – Olympio Olinto de Oliveira (05/10/1866 – 19/05/1956)
- Cadeira 58 – Raul Moreira da Silva (21/05/1891 -22/09/1969)

Na composição atual da ASRM, a Pediatria é representada por três membros titulares: Drs. Themis R Silveira, cadeira 26, Algemir Brunetto, cadeira 18, e Jefferson Piva, cadeira 16; e um membro emérito: Dr. Rudah Jorge.

Referências

- *Titulares da Academia Brasileira de Pediatria.*
Disponível em: <https://www.sbp.com.br/academia-brasileira-de-Pediatria/institucional/quadro-de-titulares/>.
- *Patronos da Academia Nacional de Medicina.* Disponível em: <https://www.anm.org.br/patronos/>.
- Alves Filho, N.; Alves, J. C. M. *História da Neonatologia no Brasil.* São Paulo: Lux, 2023.
- Hassem, M. N. A.; Rigatto, M.; *Fogos de Bengala nos céus de Porto Alegre:* A Faculdade de Medicina faz 100 anos. Porto Alegre: Tomo Editorial; 1998.
- Manfroi, W. C. (org.). *30 anos da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina.* Porto Alegre: Metamorfose, 2020.
- Nichols, B. L.; Ballabriga, A.; Kretchmer, N. *History of Pediatrics, 1850-1950.* New York: Raven Press; 1991.

- Sociedade Brasileira de Pediatria. *Um compromisso com a esperança*. História da Sociedade Brasileira de Pediatria 1910-2000. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; 2000.
- Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. *60 anos de história (1936-1996)*. Porto Alegre: Pallotti; 1996.
- Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. SPRS 80 anos ao lado da criança e do pediatra. *Jornal SPRS*. 2016;82(1):1-35. Disponível em: <https://www.sprs.com.br/sprs2013/textos/index.php?id=98>.
- Alves Filho, N.; Alves, J. C. M. *História da Neonatologia no Brasil (1960-1990)*. São Paulo: Lux, 2023.